

Vocabulário Terminológico: a experiência do Projeto RESNAPAP

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira *
Anderson Luiz Cardoso Rodrigues **
Débora Cristina Nascimento Ferreira***
Manoela Ferraz Moysés ****

RESUMO: Apresenta a experiência do desenvolvimento do vocabulário terminológico do projeto de pesquisa RESNAPAP – A Representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação, cujo objetivo é a construção do tesauro de termos culturais no âmbito da Amazônia paraense. A metodologia adotada parte da análise e síntese dos termos retirados de um corpus de narrativas orais. O trabalho mostra como está sendo mapeado o vocabulário, por área geográfica e por categoria de assunto para a classificação dos termos, os quais são armazenados na base de dados denominada “Termos Culturais”. Desta forma, o estudo propõe alguns fundamentos e proposições para uma nova teoria da terminologia articulada à luz do funcionamento da linguagem e da cultura.

Palavras-Chave: Vocabulário terminológico; Termo cultural; Amazônia paraense.

ABSTRACT: This paper presents the experience of how the terminology vocabulary of the research project RESNAPAP (The Symbolic Representation of the Popular Narratives of the Paraense Amazonia as Language of Information) is being developed, aiming the construction of a thesauri of cultural terms, in the scope of the paraense Amazonia. The methodology processes the analysis and synthesis of terms removed from oral narratives. Thus, the work shows how the vocabulary is being constructed, considering geographic area and category of each subject and their subsequent classification and registration in the Cultural Terms database. The foundation and propositions for a new terminology theory, together with the language and culture functioning, were also emphasized.

KEYWORDS: Terminology vocabulary – Cultural term; Amazonia paraense.

* Dra em Ciências da Informação. Coordenadora do Projeto RESNAPAP. Profa. do Departamento de Biblioteconomia da UFPA. E-mail: odaisa@ufpa.br

** Estudante de Biblioteconomia. Bolsista PIBIC/CNPq/UFPA
E-mail: anderson@ufpa.br

*** Estudante de Letras. Bolsista PIBIC/CNPq/UFPA
E-mail: debora@ufpa.br

**** Estudante de Biblioteconomia. Bolsista PIBIC/CNPq/UFPA
E-mail: Manoela@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O vocabulário terminológico é uma experiência do projeto RESNAPAP que está sendo desenvolvido através da coleta de termos retirados de narrativas orais populares da Amazônia paraense, visando à construção de um tesouro que, atualmente, está abrangendo as áreas de Belém, Abaetetuba, Bragança, Castanhal, Santarém, arquipélago do Marajó, Altamira e Cametá.

Com a diversificação e abrangência dos termos incluídos, foram criadas as categorias de acordo com o aparecimento de termos e a necessidade de uma fundamentação teórica sobre a linguagem. Essa linguagem está de acordo com as várias áreas do conhecimento e as habilidades cognitivas do ser humano para comunicar aos outros o que ele vê, ouve, sente, cria e pensa, em um meio geográfico, social e cultural, no qual é influenciado pelas percepções do mundo a sua volta. Neste contexto, são registrados os termos que caracterizam a linguagem, a cultura e os aspectos do cotidiano Amazônico.

O PROJETO RESNAPAP

O RESNAPAP – A Representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação é um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Departamento de Biblioteconomia do Centro Sócioeconômico, em parceria com o projeto IFNOPAP – O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará. Foi aprovado em novembro de 1998 e iniciou com um bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq) do curso de graduação em Biblioteconomia e hoje conta com três bolsistas financiados pelo CNPq.

Tem como objetivo contribuir para o conhecimento da linguagem de informação terminológica como criação social e cultural para a recuperação da informação em discursos narrativos. Isto porque na Amazônia existem muitas tentativas de registrar a sua cultura e uma

dessas maneiras de registro se faz através do que o povo conta. Nesse sentido, o trabalho abrange a área da Amazônia Paraense onde a Universidade Federal do Pará possui os campi universitários para o mapeamento dos termos que são recolhidos das narrativas orais, a fim de formar um corpus terminológico que servirá para a construção do tesouro como linguagem de informação.

Essa linguagem de informação considerada como tesouro mostra a relação dos termos para melhor recuperação da informação. Parte de um vocabulário no qual os termos que o compõem estão relacionados uns com os outros semanticamente.

A AMAZÔNIA, A TERMINOLOGIA E A CLASSIFICAÇÃO

A Região Amazônica é conhecida pelo uso potencial dos seus recursos naturais, pela rica biodiversidade formada pelo conjunto da flora e da fauna, pelo mito e pelo léxico o qual transmite a cultura através da linguagem.

Para Thompson (1995) a questão cultural é mais complexa do que parece à primeira vista. A cultura de qualquer sociedade passa a ser definida pelas relações do homem com a natureza. A linguagem, por sua vez, na defesa do caráter social da atividade discursiva sobre o seu funcionamento, não pode estar dissociada do uso pelos sujeitos e da relação com a situação social. Como afirmam Bakthin e Bourdieu apud Soares (2001), o lugar de onde falamos tem um papel fundamental na visão de mundo do falante. As narrativas do imaginário amazônico retratam as lendas, os costumes, os mitos e as concepções que norteiam esse mundo. Oliveira (1999, p. 84) observa que esta região “está repleta de histórias maravilhosas, povoadas pelos encontros entre a realidade e a ficção, a tradição e a modernidade.”

É nessa região que aparece a complexidade dos signos que surgem nas narrativas orais e transcendem ao corporal e se afirmam além da voz, servindo como material para estudo da terminologia.

O termo, como parte da língua, é considerado como um instrumento para comunicar a realidade física e cultural do povo que a usa. E, dessa forma, quando o homem utiliza a fala ou a escrita para a transmissão de sua cultura, os termos passam a ser portadores de informação sobre a cultura do falante, representando uma forma de saber. Para a lingüística, os termos são conjunto de signos lingüísticos que segundo Cabré (1995, p.290) “constituyen un subconjunto dentro del componente léxico de la gramática del hablante”. Nesta perspectiva, Oliveira (2000, p. 95) observa que o termo cultural é estudado “como uma unidade lexical da linguagem natural, representativa do universo no qual o falante está inserido, observando o relacionamento língua/imaginário/realidade”.

A terminologia, por sua vez, passa a ser um conjunto, de métodos e atividades, voltados para a coleta, definição e processamento de termos, obtendo como resultado um vocabulário. Essa prática integra o funcionamento da linguagem, o qual caracteriza-se pela articulação do léxico com o seu contexto sócio cultural que se constitui em importante recurso para a precisão conceitual, visando à recuperação da informação no conjunto dos termos das diferentes áreas de conhecimento.

Neste sentido, Krieger (2000), afirma que esses estudos e aplicações levam em consideração a inter-relação dos léxicos terminológicos com os contextos comunicativos em que se materializam. Pode-se observar que essa inter-relação vincula-se à categoria da ordem da textualidade e discursividade (entendida como sentido) em que cada termo aparece.

Em relação ao aspecto social, Bernstein (1971) argumenta que a estrutura social gera diferentes tipos de linguagem ou códigos para usar a sua terminologia. E, são esses códigos que transmitem a cultura e, portanto, determinam comportamentos e modos de ver e de pensar. No entanto, Soares (2001) observa que com o conceito de habitus, Bourdieu avança em relação a Bernstein, na medida que esse conceito permite articular o individual e o social. Neste pensamento são relevantes os estudos terminológicos em narrativas orais populares por

área geográfica, uma vez que, grupos sociais diferentes desenvolvem processos de socialização diferentes e logo geram um habitus cultural e lingüístico próprio de cada grupo determinado pelas suas condições de existência.

Em relação a esses aspectos, a classificação é importante no processo da coleta e armazenamento de termos para a recuperação da informação. Como observa Pombo (1988, p. 1) “nada nos parece mais ‘natural’, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos fatos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos.” Para esta autora as classificações permitem uma orientação no mundo para estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres e os acontecimentos.

A partir da classificação surgem os tesouros, considerados instrumentos de controle terminológicos usados nos sistemas de informação, no sentido de facilitar na tarefa de organizar, tratar tecnicamente, recuperar e disseminar a informação especializada. E, dessa maneira a organização de dados e registro documentais em sistemas e redes, faz com que a informação flua velozmente.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia adotada consiste em ler as narrativas orais para a identificação e seleção dos termos, obedecendo critérios para o registro em fichas terminológicas, conforme a figura abaixo.

FIGURA 1: Ficha Terminológica

Termo:
Categoria Gramatical:
Gênero:
Sinonímia:
Categoria do termo:
Variante gráfica:
Fonte da variante gráfica:
Definição:
Fonte:
Contexto:
Narrativa:
Fonte:
Informante:
Pesquisador:
Remissiva:

Fonte: Projeto RESNAPAP

Cada ficha deve conter a informação de uma só termo com o contexto da narrativa da qual este foi retirado, podendo somente registrar mais de uma vez o mesmo termo nos casos de polissemia. A ficha contém entre os elementos constituintes, o nome da narrativa, a fonte da narrativa, o informante (a pessoa que produziu o documento), o pesquisador responsável pela recolha da narrativa, a categoria do termo (categoria de assunto em que o termo será agrupado), a variante gráfica (se houver), a variante geográfica (outra forma que o termo é utilizado em outras localidades), a sinonímia (se houver) e a definição (de acordo com o contexto).

A definição dos termos é realizada de acordo com o contexto da narrativa, lembrando que se o informante não deixar claro sobre o conteúdo do termo, recorre-se às obras lexicográficas, tais como: glossários, vocabulários, repertório de termos e dicionários.

Posteriormente é realizado o armazenamento em base de dados e a partir dos termos são criadas as categorias de acordo com a sua definição, conforme QUADRO I.

QUADRO I: Termo por categoria

TERMO	CATEGORIA
Barracão	Arquitetura
Mulher pássaro	Assombração
Tarrafeiar	Atividade do cotidiano
Cachaça	Bebida
Tucupi	Culinária
Tapuio	Etnia
Pra caramba	Expressão popular
Tatu	Fauna
Samauma	Flora
Chapuleta	Forma de dizer
Mutá	Instrumento de trabalho
Canoa	Meio de transporte
Curupira	Mito
Mangue	Natureza e habitat
Parteira	Papel social
Vaquejada	Ritual
Matapi	Utensílio do cotidiano

Fonte: Projeto RESNAPAP

Categorizar um termo é definir em qual das áreas ele se insere nas possíveis categorias de assunto. Assim, a classificação é feita por categorias de assunto, definidas por critérios que possibilitam determinar as afinidades dos termos a partir da relação entre os conceitos. Essas relações se estabelecem através das características dos conceitos de cada termo. No entanto, para a divisão das classes, de acordo com a necessidade do projeto, o primeiro passo realizado foi a elaboração de um sistema de classificação definindo as categorias que o constituem a partir das definições dos termos.

RESULTADO

Como primeiro resultado o projeto RESNAPAP disponibilizou os vocabulários terminológicos das áreas de Abaetetuba, Belém e Santarém os quais possibilitaram a publicação de um livro. Também foram realizadas pesquisas nas áreas de Bragança e Castanhal.(ver quadro II). Atualmente, os estudos estão sendo desenvolvidos nas áreas de Altamira, Cametá e Marajó das quais já foi obtido a quantidade de termos que pode ser verificada no quadro abaixo.

QUADRO II: Narrativas e termos por área geográfica

ÁREA GEOGRÁFICA	NÚMERO DE NARRATIVAS	NÚMERO DE TERMOS
Abaetetuba	52	132
Altamira	66	297
Belém	36	86
Bragança	63	403
Castanhal	175	645
Cametá	25	320
Marajó	122	432
TOTAL DE ÁREAS: 07	TOTAL DE NARRATIVAS: 539	TOTAL DE TERMOS: 2.315

Fonte: Projeto RESNAPAP

Para armazenar, recuperar e disseminar essa linguagem de informação terminológica, foi criada a base de dados “Termos Culturais”. Esta estrutura é gerenciada pelo software MICROISIS, na versão for windows , que de acordo com (ORTEGA, 1998, p.18) é “um sistema genérico de armazenamento e recuperação de informação, operado por menus, e projetado para o gerenciamento computadorizado de base de dados não numéricos, isto é, bases de dados cujo principal conteúdo seja texto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vocabulário ora em desenvolvimento para a construção do tesauro, constitui-se em produto aberto, sujeito a ajustes, correções e atualizações. Apresenta fundamentos e proposições para refletir sobre a teoria da terminologia articulada à linguagem, à cultura no

aspecto social e geográfico, a partir de narrativas orais populares. É importante à observação de que os termos não se restringem a uma área específica do conhecimento. Eles abrangem, sim, várias áreas, permitindo o registro para a recuperação e disseminação da cultura do povo amazônico.

É importante registrar que os dados coletados como termos ao serem analisados passam a ser conhecimento para determinadas ações. E, vale ressaltar que um trabalho dessa natureza tem características diferentes das linguagens especializadas para a elaboração de tesouros. Cada área geográfica é estudada através da linguagem das narrativas, onde dependendo do contexto, aparece a especificidade do termo a partir de um conceito.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, B. A socio-linguistic approach to social learning. In: **Class, Codes and Control**. London: Routledge e Kegan Paul, 1971. v. 1. p. 138-161.

CABRÉ, M. Teresa. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.3, p.289-298, set./dez., 1995.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **Delta**, São Paulo, v.16, n.2, p.209-228, 2000.

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. A terminologia cultural no discurso oral popular Amazônico. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org). **Memória e comunidade**: entre o rio e a floresta. Belém: UFPA, 2000. p. 93-102.

_____. A linguagem de informação e a narrativa popular oral amazônica. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.) **A cultura amazônica e suas multivozes**. Belém: UFPA, 1999. p. 81-89.

_____. **Vocabulário terminológico cultural da Amazônia paraense**: com termos culturais das áreas de Abaetetuba, Belém e Santarém. Belém, 2001. 159p.

ORTEGA, Cristina Dotta. **Microisís**: das origens à consolidação numa realidade de informação em mudança. São Paulo: Polis, 1998. 130p.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, Lisboa, n.2, p. 19-33, primavera, 1988.

SOARES, Magda. Diversidade lingüística e pensamento. In: MONTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza B. (Orgs). **Linguagem, cultura e cognição**: reflexões para o ensino e a sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 51-62. (Coleção Linguagem e Educação, 7).

THOMPSON, I. B. O conceito de cultura. In: _____. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 165-215.